

**BORGES, Paula.** Criação e memória – um olhar sobre a infância e o teatro infantil. Salvador: UFBA; CAPES; Doutorado; Claudio Cajaíba; Atriz, Dançarina, Dramaturga e Diretora.

### RESUMO

Esta comunicação pretende tecer algumas considerações acerca das noções de infância subjacentes à produção de espetáculos para crianças, a partir da experiência da autora na criação do infanto-juvenil “Miúda e o guarda-chuva”. Compreendendo criação e memória como partes indissociáveis de uma composição ficcional, a autora procura, a partir da sua experiência, estabelecer possíveis conexões entre variadas noções sobre a infância no contexto da produção teatral voltada para o público infantil.

**Palavras-chave:** Infância. Criação. Memória. Teatro Infantil.

### ABSTRACT

This communication aims to do a few considerations on the notions of childhood implicit on the production destined for children from her creational experience of a play named “Thainie and the umbrella”. Understanding creation and memory as parts of the fictional composition, the author intends to establish, from her own experience, possible conexions between different ways to look at childhood on the context of theatrical production made for children.

**Keywords:** Childhood. Creation. Memory. Children’s Theatre.

### Criação e memória – um olhar sobre a infância e o teatro infantil

Miúda respira baixinho dentro de uma caixinha azul que tive na infância.

Exercício de devaneio número ímpar

Gaston Bachelard talvez me dissesse que o devaneio só é possível fora do papel. Aquele lugar para onde vamos quando desejamos ampliar nossa experiência para além do tempo vivido, dilatando os sentidos para um volume imaterial que não é nem sonho, nem realidade presencial, mas outro tipo de verdade profunda e conquistada na solidão: o devaneio. O valor estético atribuído ao devaneio pelo autor potencializa a experiência da infância, considerando daquelas longas horas de silêncio e imaginação, o caldo espesso e disperso, que a memória se esforça em preservar e a imaginação recria, a partir do que nos foi contado (e que não é a história em si), responsável por alguns dos momentos poéticos mais inspiradores da vida adulta. “É sempre desse modo, como um fogo esquecido, que a infância pode ressurgir em nós” (BACHELARD, 1998, p. 98.).

Eu ouvi esse nome, Miúda, primeiro pela boca da minha avó, uma das grandes casas da minha infância. Mas eu já era grande e se tratava do apelido da minha bisavó que eu não conheci, mas que, pela foto, percebo, inspirou o desenho do meu cabelo na minha testa. Depois, uma de minhas irmãs

paternas me contou que havia uma tia Miúda do outro lado da família também. Um dos seis filhos que minha avó Alice deixou, para se casar com vô Légio e ter mais três filhos, o que, segundo minha irmã, garantiria a sobrevivência dos seis primeiros. De algum canto desta memória partiu, em uma madrugada qualquer do final de 2007, o título para um conto, “Miúda e o guarda-chuva”, Miúda, o nome da minha personagem.

Eu sonhei com uma personagem meio Macabeia, meio Pequeno Príncipe. Sempre consumi muita ficção e lembro claramente do período em que não entendia muito bem porque alguns personagens de livro de história existiam de verdade e outros não, uma vez que era tudo história. Então, Sherlock não poderia ser contratado. A tábua redonda era uma lenda. Mas esta história já não sei se vivi ou se inventei mais tarde para tentar compreender a minha paixão por alguns personagens. E isso acontece até hoje, eu me apaixono por alguns personagens. Mais tarde descobri que eu também podia estar certa. Quando conheci Luís XIV, o Rei Sol, foi por meio da coleção da minha mãe “Grandes personagens da civilização mundial”, que tenho até hoje e através da qual também conheci e me apaixonei por Joana D’Arc. Mas Miúda era mesmo meio Macabeia, meio Pequeno Príncipe.

Meu Pequeno Príncipe, que também tenho até hoje, ganhei de aniversário, de uma amiga de minha mãe chamada Raidalva. Por meio dele, aprendi o que significava a palavra evadir e um jeito de se pensar a palavra cativar. E também que o amor pode envolver outros sentimentos nem sempre tão bonitos e nunca enunciados nos contos de fada, como a vaidade e o egoísmo. Aquilo não representava a felicidade presente na maioria das histórias infantis, mas para mim, quando o pequeno príncipe decidiu acabar com a própria vida, deixando a carcaça do corpo na Terra para voltar para o planeta B612, ativou, como agulha de acupuntura, um tipo de melancolia que condensava a aprendizagem do personagem e era meu conforto e minha felicidade poética. Macabeia eu conheci grande, pela voz da minha professora Nilza Carolina, por um episódio da Globo e pelo ator Alexandre Casali, na versão de “A hora da estrela”, de Meran Vargens. Só depois, veio Clarice, fazendo com que eu pensasse por macabeias e fosse identificando na vida, as mulheres Macabeias que eu gostaria de recriar em cena. Nesse momento da vida, eu já queria escrever a minha própria história. “Um excesso de infância é um germe de poema” (BACHELARD, 1998, p. 95), mesmo.

Eu sempre gostei de escrever, como gostava de ler. E já havia experimentado uma coisa ali e outra acolá, no Dimenti<sup>1</sup>, nos diários, nos *blogs*. Mas quando escrevi o conto “Miúda e o guarda-chuva”, havia uma pretensão diferente. Uma vontade de criar uma personagem de quem eu gostasse muito. E veio Miúda, a Planta Carnívora, Seu Zé, as formigas e, quando eu já havia desistido de terminar a história em uma das muitas crises de abandono que sofro, reconheci Victor e, descendo as escadas da Escola de Teatro, após o ensaio de “Esperando Godot”, peça que fazíamos na época, como atores, pensamos que

---

<sup>1</sup> Grupo soteropolitano, do qual faço parte desde 1998, que pesquisa e articula espetáculos, festivais, circulações situadas entre as áreas da Dança e do Teatro, tendo realizado também vídeos, documentários e instalações performáticas, que buscam ativar os trânsitos entre diferentes linguagens artísticas.

Inércia daria uma ótima personagem. Cheguei em casa, terminei a história, já era meados de junho e, no dia seguinte, mostrei a ele. Então decidimos escrever um projeto, fechar uma ficha técnica e tentar algum financiamento para transformar o conto em um espetáculo de teatro. Paralelamente a isso, ele apresentaria o conto aos amigos do INDIGENTE<sup>2</sup> e, juntos, criariam uma versão em jogo eletrônico relacionada à história. Mais tarde, veio o desejo de formatar uma proposta de roteiro de episódio piloto de série de animação, quando da abertura do ANIMATV, edital de concorrência nacional da TV Cultura e TV Brasil.

Todo esse preâmbulo pretende escapar ao mero desabafo, em um esforço de tecer e demarcar os territórios que atrelam a minha produção artística à minha própria história. Longe também do desejo ingênuo de justificar uma pela outra, procuro, antes, recortar dessa história o aspecto que mais me interessa, para procurar compreender as noções de infância às quais se atrelam os espetáculos produzidos para crianças: a minha formação de leitora, intimamente determinante da minha formação como artista. Para prosseguir, é necessário que se compreenda que esta “leitora” aqui não se refere apenas às tipologias textuais, mas àquela capacidade de produzir leitura de mundo. Da capa de um vinil ao *outdoor*, da inclinação dos óculos da minha avó a uma notícia de jornal.

Este lugar, íntimo e pessoal, que procuro, aqui, demarcar, também visa a validar a criação artística como um legítimo espaço de entrelace da memória e da imaginação. Para este cruzamento, Gaston Bachelard traz contribuições valiosas. Ele nos lembra que o passado não é estável e que, através do devaneio é possível permitir que aconteça a dilatação psíquica necessária para que a memória e a imaginação rivalizem para nos devolver as imagens às quais atribuímos valor em nossas vidas. Admitindo nisso a matéria de criação singular dos poetas da infância, Bachelard também aponta o papel destes artistas na recuperação do mundo dos valores psicológicos de nossa intimidade (BACHELARD, 1998). Penso, então, sobre o devaneio como mais um elemento que ativa a capacidade de produzir sentido, tanto a partir do passado, quanto a partir da decodificação de um poema, em ambos os casos, um jogo que envolve Leitura e, conseqüentemente, Criação.

Reativar esses espaços da infância em mim, a partir dos quais me posicionei como artista para criar um universo ficcional para crianças funciona como um demarcador de uma infância que pode ser vivida em dimensões diferentes. Uma infância vivida na década de 1980, período em que, no Brasil, os estudos sobre a infância começavam a ter sua importância validada, ainda podia se valer da ausência de especificidades tão demarcadas no trato com o público infantil. KRAMER (1996, p. 19) aponta a contribuição de dois leitores da infância, publicados na transição dos anos 1970 para os anos 1980, Philippe Ariès e Bernard Charlot, para este debate. O salto na maneira de pensar a criança se dá, no primeiro caso, ao colocar a criança em uma perspectiva histórica, estudando a transformação da concepção de infância e de família que demarcou o sentimento moderno de infância; e no segundo caso, na

---

<sup>2</sup> INDIGENTE: Interactive Digital Entertainment, grupo de pesquisa de desenvolvimento de jogos sediado na UFBA.

desnaturalização da criança, compreendida então “em suas condições concretas de existência, social, cultural e historicamente demarcada” (KRAMER, 1996, p. 22). Visões que iam além do entendimento da criança como um adulto pequeno ou como um ser que não é, encontra-se em estágio de espera e se prepara para o futuro adulto que será. Estas visões, é bom que se ressalte, não estão superadas, encontram-se presentes em muitos discursos atuais sobre a criança. A reflexão sobre o assunto avançou, muito embora a convivência entre posicionamentos e discursos distintos se faça presente na contemporaneidade, cotidianamente.

Vinte anos de estudos direcionados à infância, nas mais diversas áreas — antropologia, sociologia, psicologia, etnografia, filosofia, linguística etc... — muito contribuíram para que a criança ganhasse em estatuto teórico. Flagrar as concepções de infância presentes nesses discursos é uma das maneiras de se garantir a constante reflexão sobre o termo, que fuja das delimitações muito “verdadeiras” sem cair no abismo de um relativismo não funcional. Garante também que, ao refletir sobre, se possa pensar nas crianças em toda a sua diversidade econômica, cultural, emocional, afetiva, permitindo ao infante o direito à diversidade de identificações. O livro “O mito da infância feliz”<sup>3</sup> investe nesta provocação. Quem foi mesmo que disse que a infância é necessariamente uma época feliz? Ou ainda, que criança queremos proteger e de quê, quando a impedimos de experienciar sentimentos como dor ou tristeza seja na vida, seja através da mediação de obras artísticas? Novamente Bachelard nos lembra da importância de se pensar a dimensão solitária e cósmica da infância, emergente através da tripla ligação imaginação, memória e poesia.

Ao chegar aqui, nisso que também pode ser considerado um devaneio, penso que este fim provisório é também um começo. O meu começo de olhar para as contribuições das artes cênicas, como área de conhecimento, especialmente as dirigidas para o público infantil, para engrossar o caldo do campo interdisciplinar de estudos sobre a infância. Interessa a mim pensar nas noções de infância trazidas pelas falas de quem viu, adulto ou criança, minhas proposições artísticas voltadas para a infância, mas mais do que isso, interessa cruzar arte e reflexão crítica, que instaure um debate que sirva, de fato, para se repensar verdades muito precisas, abrindo espaço para uma diversidade negociada e possível.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny (Org.). **O mito da infância feliz**. São Paulo: Summus, 1983.
- BACHELARD, Gaston. **Os devaneios voltados para a infância**. In: A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- KRAMER, Sonia. **Pesquisando Infância e Educação: um encontro com Walter Benjamin**. In: Infância: fios e desafios da pesquisa. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996.

---

<sup>3</sup> Obra organizada por Fanny Abramovich, coletânea de textos de autores que se dedicam à infância, escritores, professores, pedagogos, que colocam em pauta a infelicidade na infância.